LÍNGUAS, TRADUÇÃO E O FESTIVAL MIX BRASIL - ENTREVISTA COM ANDRÉ FISCHER

Entrevista concedida a Dennys Silva-Reis e Jânderson Albino Coswosk via videoconferência dia 22 de abril de 2025. Abaixo o texto da entrevista transcrito.

Transcrição:

Dennys Silva-Reis: Tudo bem, André?

Jânderson Albino Coswosk: Seja bem-vindo aqui.

André Fischer: Obrigado.

Dennys Silva-Reis: Há muito tempo venho acompanhando o seu trabalho e tinha comentado com o Jânderson, porque que a gente não poderia fazer uma entrevista sobre Tradução com você, né? E o nosso interesse maior é esse: discutir algumas questões com pessoas que estão dentro do movimento da tradução e fazem parte da comunidade LGBT+; para oferecer isso aos nossos estudantes, aos acadêmicos, nossos colaboradores e também aos pesquisadores da área. Gostaria, primeiramente, de pedir para você se apresentar.

André Fischer: Bom, eu sou André Fischer. Continuo dirigindo até hoje o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, que está na sua 33ª edição. Festival que começou como um festival de cinema e foi ampliando para outras áreas de atuação, teatro, música, literatura, games. E mais recentemente realidades imersivas, que é onde foquei inclusive a minha pesquisa de mestrado, sobre curadoria transmídia. E hoje, meu projeto de doutorado é o uso de inteligência artificial em práticas sustentáveis dentro da produção de audiovisual independente, com foco na questão LGBT+. Nesse meio tempo, por conta desses trabalhos, que comecei assim, criei o primeiro BBS. Foi a primeira rede social voltada à comunidade LGBT+ da América Latina em 94. Por conta disso, fui convidado para ter uma coluna no *Jornal da Tarde*, posteriormente na *Folha de São Paulo*. Isso me abriu toda uma vivência na área de jornalismo. Escrevi para muitos, muitos lugares mesmo, aqui e fora do Brasil. E depois montei uma editora onde a gente publicou algumas revistas até 2014, 2015. Após um pequeno hiato, comecei a me interessar inicialmente pela questão da linguagem simples. Porque é um direito do cidadão. Na verdade, de todas as pessoas entenderem tudo que está escrito e publicado, especialmente em comunicação pública. Desse estudo, eu vou para a questão da linguagem inclusiva. Comecei a ver que não tinha ainda

André Fischer
Dennys Silva-Reis
Jânderson Albino Coswosk

material no Brasil, especialmente fora da academia. Mesmo na academia, havia pouco material – isso em 2019, 2020. E aí aproveitei a pausa em outros trabalhos provocada pela pandemia. Uma das primeiras coisas que fiz foi justamente compilar as coisas que eu estava fazendo e lançar um pequeno manual, publicado gratuitamente online, para ao menos dar um *start* nessa discussão, né? E é a partir daí que eu fui convidado por uma editora a lançar uma versão ampliada desse manual. Também fui convidado pela Patrícia Casé, que tem uma empresa com banco de talentos, e que me convidou para fazer parte da empresa como palestrante. Hoje estou trabalhando nessa questão. Faço consultoria de comunicação inclusiva em uma série de empresas. Já passei pelo STJ, pelo Supremo Tribunal Militar, Ministério Público, enfim, várias agências e outras empresas. Estou neste momento na *Cinemark*, reformulando as políticas de comunicação interna, e numa seguradora no Banco do Brasil, fazendo esse trabalho de tentar adequar a linguagem, especialmente no meio organizacional - desde formação de *media training* para executivos até material que as empresas usam internamente.

Jânderson Albino Coswosk: Gratíssimo pela super apresentação. É um privilégio enorme estar aqui hoje com você para discutir esses temas que são tão caros para a gente, para nossas vivências como pessoas LGBT+ e para as nossas pesquisas, principalmente nessa época em que a gente vive num mundo em que há uma compartimentalização tão grande da vida e do tempo. A gente agradece muito sua disponibilidade de estar aqui conosco hoje.

André Fischer: Eu agradeço o convite.

Jânderson Albino Coswosk: Nós decidimos dividir a conversa em três pontos que se convergem. Todos eles, na verdade, vão convergir para a tradução *queer*, mas tem a ver com tradução, ativismo e visibilidade. O primeiro ponto que a gente gostaria de trazer para você é sobre o ativismo. Ativismo e tradução. A gente sabe que a luta pela emancipação LGBT+ no Brasil vem muito antes desses holofotes que foram jogados sobre a luta LGBT+ e ao longo do julgamento em torno do casamento de pessoas do mesmo sexo, que foi aprovado pelo Supremo Tribunal. Então, de repente, as nossas vivências passaram a figurar na mesa do café da manhã, né? Você passa a ter uma discussão em família sobre isso, o que não era tão frequente. A gente sabe que muito antes disso, havia um embate muito forte e, que às vezes, os assuntos eram mais evitados do que acordados nas reuniões de família e tomavam as ruas na tentativa de desarmar a repressão, o silenciamento das nossas vozes, principalmente durante a ditadura militar. A gente tem uns nomes bastante potentes e muito conhecidos hoje que emergiram na época da repressão. Esses nomes pertencem a uma espécie de primeira geração de artistas, ativistas e intelectuais LGBT+ que hoje estão muito mais visíveis e conhecidos do que antes, como o João Silvério Trevisan, o João Antônio Mascarenhas, o Glauco Matoso, Roberto Piva, vários, né? Mas esses mencionados, de uma forma bastante especial, usaram a escrita como uma ferramenta de resistência.

André Fischer: Sim.

Jânderson Albino Coswosk: Para a época, essas pessoas tinham um espírito muito cosmopolita. Elas já tinham noção dos eventos de *Stonewall*, já tinham noção da *Gay Liberation*. A gente percebe que desde os anos 1970 para cá, há uma espécie de consciência transnacional da dissidência. Ela já estava meio que implantada ali, né? O Trevisan, por exemplo, se exilou nos Estados Unidos, depois foi para o México, entrou em contato com o movimento negro, com o movimento gay, o movimento feminista, lá em Berkley em 1973. O Mascarenhas ficou no Brasil, mas teve contato com publicações, como o *Gay Sunshine*, que era um periódico bastante famoso e em ebulição nos Estados Unidos da época, voltado às questões de gênero e sexualidade e à homofobia como um sistema maior de opressão e de dominação. Então, e a gente tem noção dessas trajetórias que de alguma forma se convergem, dialogam entre si ou se distanciam, a depender do momento. E pensando agora na sua trajetória: você nasceu no Rio nos anos 1960 e foi morar em São Paulo nos anos 1980. De alguma forma você viveu as ressonâncias dessa primeira geração dos nomes que eu citei, pelo menos foi algo que te atravessou ao longo da vida. Mas o momento em que você viveu já era outro, né? Não tinha o mesmo peso da censura, da ditadura; já figuravam as novas formas de transitar, de circular pelo país e de se expressar. Principalmente porque essas novas formas estavam surgindo, inclusive com advento da internet. Você chegou a participar de várias iniciativas bastante importantes, comentadas no início da entrevista. Principalmente a criação, em 1994, do *Bulletin Board System (BBS) MixBrasil*, que foi a primeira forma virtual de comunicação ou interatividade entre pessoas da comunidade LGBT+ da América Latina. Você também fez uma parceria super importante com o Museu da Imagem do Som para trazer ao Brasil uma espécie de versão do Festival de Cinema Gay de Nova Iorque. Há contribuições suas na revista *Sui Generis* e na idealização da revista *Júnior*; que foram fundamentais para consolidar uma espécie de discurso afirmativo sobre a cultura gay dos anos 1990 e 2000 e também uma espécie de nova estética homoerótica daquela época.

André Fischer: Verdade.

Jânderson Albino Coswosk: Partindo desse nexo todo, queria te perguntar: como o seu próprio trabalho no audiovisual, nas suas traduções, nas suas redes sociais e os textos indicam, você tem um perfil de vida bastante cosmopolita, né? Basta conferir esse último texto que você publicou aí na *Revista Unquiet*, que eu estava lendo esses dias, sobre os seus passeios no sul da Bretanha.

André Fischer: Sim.

Jânderson Albino Coswosk: Como você teve acesso à cena gay estadunidense e também de outros países? Como você chegou a aprender outros idiomas para trazer

ao Brasil, por exemplo, o festival de Nova Iorque? Você chegou a morar fora e ter uma vivência LGBT+ em inglês ou em outras línguas?

André Fischer: Eu me lembrei de uma cena justamente da adolescência, saindo do Leblon para ir até o centro da cidade do Rio para comprar um *Lampião da Esquina* – acho que já tinha até saído de circulação, mas era onde se conseguia algum tipo de informação nesse sentido, né? Mas aí, eu acho que sim, certamente. O meu primeiro contato com essa questão toda foi em Nova Iorque, na realidade, com amigos que estavam morando lá. Isso foi, sei lá, final dos anos 80, começo dos anos 90. Tinha acabado aqueles grupos todos, o *Somos* e outros, não existiam mais. Existiam grupos novos, que estavam meio que em formação. Fui em algumas reuniões, mas achei tudo muito acadêmico e acabou que o meu contato efetivo com o movimento foi em Nova Iorque, com amigos. Foi onde conheci os centros comunitários LGBT+. O primeiro filme LGBT+ que eu vi na minha vida foi numa viagem. Eu sempre fui à França todos os anos, desde muito pequeno. Foi numa escapada assim que eu fui assistir o *L'Homme blessé (O homem ferido)* (1983), do Patrice Chéreau. Então, acho que esse foi um dos meus primeiros contatos com essa questão, sendo fora do Brasil, mesmo. Ainda que eu tivesse as minhas vivências no Rio, que era num círculo muito íntimo da minha idade, mesmo antes de mudar para São Paulo, eu vivia isso mais fora do Brasil, na verdade. Então, o meu percurso todo de ativismo veio muito mais dos Estados Unidos. Acabei tendo essa formação inicial por lá e aqui no Brasil por conta do MIX Brasil.

Jânderson Albino Coswosk: Então o seu contato maior de inspiração da cena gay foi Nova Iorque?

André Fischer: Talvez. Nessa parte do cinema é Paris.

Jânderson Albino Coswosk: Porque você ia muito à França desde criança.

André Fischer: Continuo indo. É, sim, uma influência. Enfim, eu estava falando isso somente pela questão do vocabulário mesmo – ele é todo muito influenciado. Foi daí que veio o termo GLS, inclusive, foi uma busca por um termo *gay friendly*. O que seria a tradução de *gay friendly*? O termo GLS surge nessa tentativa de buscar algo para dar um nome ao que a gente acreditava que era a rede aqui no Brasil. Que nem o Festival também: o BBS surge como um ponto de contato entre as pessoas que frequentavam o Festival e que estavam conectadas. Eu trabalhava com computação gráfica nesse momento; então, eu tinha essa ligação com a internet e estava pesquisando isso desde o começo dos anos 90. O termo, aliás, surge querendo traduzir *gay friendly*, na verdade. E ele foi criado numa reunião onde a gente estava. Tinha essa demanda de buscar um nome porque a gente estava lançando o BBS e queríamos um termo.

Dennys Silva-Reis: Mas, nesse caso, você foi o iniciador da escolha do termo que se popularizou como GLS?

André Fischer: Queríamos algo que fosse como *gay friendly*. Foi muito interessante. Assim que a Camila de Carvalho desenhou essas letras, eu falei: "Ah, é isso aí que a gente vai usar!". E então, a gente adotou e fez um manifesto de lançamento do BBS em 1994, que começava conceituando o que era GLS, um termo que hoje em dia eu já nem uso mais. Nem digo mais que fui eu que fiz, porque tem um *block* total, especialmente da comunidade trans, e com toda razão. Porém, na época, foi pensado para ser um termo inclusivo e que não obrigasse a tirar ninguém do armário. Necessariamente, você podia sempre ser um simpatizante ou uma simpatizante. Mas hoje é um termo que já passou. Uma vez eu estava participando de um debate e aí alguém falou assim: "Ah, você criou o termo GLS". Naquele contexto, tinha uma amiga na mesa, uma pessoa trans, que olhou para mim e disse: "Não acredito que foi você que fez isso? O retrocesso que isso foi!" Falei: "Não, querida, não acho que tenha sido um retrocesso. Acho que foi um processo". Naquela época, em 1993, você falava gay para tudo. Gay era travesti, era lésbica; tudo era gay. Então, a gente falar de gay e lésbica já era um avanço, e abrir a possibilidade de pessoas aliadas que não se identificavam com esse termo, mas com essas questões. Na verdade, nem eu e nem o meu pequeno grupo de pessoas que estavam fazendo isso tinha muitas vivências com pessoas trans. Isso veio logo depois, mas naquela época mesmo as pessoas que hoje se identificam como trans, não binárias e tal, se identificavam como gays também. Então, é um termo que acho que cumpriu sua função ali. E já passou – ele caiu em desuso em 2008, quando já se estava começando a usar GLBT.

Dennys Silva-Reis: E ele caiu em desuso quando, mais ou menos?

André Fischer: Já era uma coisa que estava começando a se usar quando acontece a Conferência Nacional, que reuniu todos os grupos da militância do Brasil. Estavam todos lá em Brasília – inclusive o Lula foi com a dona Marisa. Nessa Conferência tem um acordo, e a partir dali se usa LGBT. Na hora que isso aconteceu, deixou-se de usar GLBT e GLS, que já estava começando a ficar em desuso também. Aí padronizou-se o LGBT a partir de 2008.

Dennys Silva-Reis: André, uma curiosidade: como você aprendeu as línguas estrangeiras? Francês, inglês, você sabe outras?

André Fischer: Cara, francês eu aprendi desde muito pequeno em casa. Fiz na escola, depois na Aliança Francesa, fui até o final do curso. Cheguei a dar aula de francês. E o francês é uma língua que eu acabo usando hoje, porém não tem tanta gente que usa. Mas eu uso muito. Por conta disso, eu trabalho muito para a França. Hoje em dia, tenho ido à França todo ano a trabalho, inclusive. E o inglês, aprendi também desde muito cedo na escola de inglês no Rio. E o meu inglês certamente melhorou muito quando eu comecei a frequentar Nova Iorque e tal, já no começo dos anos 90. Depois que fui fazer espanhol, porque eu cheguei a abrir um escritório do Mix na Argentina. Então, também falo espanhol com domínio razoável por ter estudado e trabalhado lá.

Eu tenho cidadania alemã, mas, meu alemão é uma desgraça. Tento aprender, já tentei várias vezes. A última vez foi quando [Jair] Bolsonaro se elegeu, eu falei: "Vai dar ruim, preciso estudar, se eu for cair fora". Não que eu vá morar na Alemanha – não acho lá essas coisas. Porém, para morar, é um puta país. Mas assim: alemão é uma língua muito difícil. Depois que o Bolsonaro foi eleito, fiz alemão cinco vezes por semana no Goethe-Institut, fui até o B2 e visitei a família falando alemão. Quando cheguei lá, falei: "Não, agora dá para visitar a família, eu vou arrasar no alemão". No primeiro almoço já se foi. A gente fala inglês até hoje.

Jânderson Albino Coswosk: Mas você tem alguma conexão com a cena gay alemã?

André Fischer: A de Berlim, minha família é de Hanôver. É uma cidade muito chata. E assim, sempre tive interesse por idiomas: já comecei a estudar russo; fiz Libras. Teve um Festival que tinha uma participação muito grande de pessoas surdas. Fui estudar Libras, cheguei a apresentar o Festival em Libras naquele ano, mas depois de não usar, você vai perdendo, né?

Dennys Silva-Reis: E toda essa aprendizagem de línguas também com as culturas gay e *queer* mundo fora, não é?

André Fischer: Para o francês, não. Eu até tenho muitos amigos gays hoje em dia na França, mas o francês foi para outro lado. Porém, o inglês, certamente. Eu falava inglês, de escola, de curso, e ele se desenvolveu a partir da minha ida [à Nova Iorque], de eu frequentar especialmente os Estados Unidos durante muito tempo. E o espanhol certamente foi com a implantação do escritório do Mix Brasil lá [na Argentina], quando a gente teve um site dentro do UOL, quando tinha o UOL na Argentina. Eu tinha uma mesinha nesse escritório, tinha uma pessoa que trabalhava comigo e tudo mais. E nesse caso também foi num esquema já dentro da cena LGBT.

Jânderson Albino Coswosk: Esse escritório da Argentina chegou a vingar na mesma época que você migrou o *Mix Brasil* para um site mais específico?

André Fischer: Foi mais ou menos nessa época. A gente estava lá em 2001, quando teve a bomba toda lá no final do ano. A gente passou o ano de 2001 lá e fiz várias vezes o Festival. Mas em 2001 veio a crise, a gente ainda segurou uns meses e em 2002 acabou a operação por lá. Durou um ano.

Dennys Silva-Reis: E nessas vivências todas que você teve com essas línguas, com essa "cultura gay meio universalizante" que, de alguma forma, também te formou... Teve algum momento em que você pensou: "Preciso trazer isso para o Brasil", "Preciso traduzir isso, fazer isso chegar de algum jeito"?

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 376-392

André Fischer: Essa coisa de traduzir tem isso mesmo, né? Porque o Festival Mix Brasil foi, durante um tempo, especialmente no começo, considerado uma coisa meio que de elite, pois era um Festival todo em inglês. Acho que hoje em dia já perdeu um pouco disso. Mas ele era um Festival em inglês: primeiro porque tinha muito pouca produção brasileira, tinha muito pouca coisa latina; o que tinha era americano ou legendado em inglês. Tudo que vinha de fora era legendado em inglês. E a gente não tinha dinheiro para legendar, então a gente fez as cinco ou seis primeiras edições do Festival em inglês, porque era o que tinha.

Dennys Silva-Reis: Sem legenda nenhuma? Ah, eu jurava que tinha legenda.

André Fischer: Os Festivais de 93, 94, 95, 96 e 97. As cinco primeiras edições não tiveram legenda nenhuma. Em 98, fui para o Japão fazer o Mix Brasil lá. Quando cheguei no Japão, tinha um festival super bacana em Tóquio. Na época, era voltado à comunidade estrangeira, porque o Japão era um país muito conservador. Era um evento com todo mundo voluntário e tinha um dos meninos voluntários que havia desenvolvido um sistema de legendagem eletrônica super simples que rodava em qualquer *laptop*. Ele deu para a gente de presente e eu trouxe para o Brasil. Foi aí que a gente teve, em 1998, a primeira edição com legendas – eu traduzi todos os filmes. E disparava a legenda na exibição.

Dennys Silva-Reis: É mesmo!?

Jânderson Albino Coswosk: Meu Deus!

André Fischer: Por conta disso, eu acabei fazendo todos em seguida assim. Tinha uma equipe que era treinada. Tinha gente que falava em inglês e que soltava a legenda na hora da exibição. Essa gente que foi treinando umas pessoas que faziam esse trabalho e soltavam legenda na exibição. Até hoje é mais ou menos assim que funciona. O programa é um pouquinho melhor, mas é no dedo até hoje. Quando você não manda sincronizado para a cópia DCP [*Digital Cinema Package*], é no dedo que vai até hoje. É por conta disso que eu passei um mês na França trabalhando para o Festival de lá, fazendo legendagem. Fiz legendagem de um Festival com meu parco alemão, fiz Festival de ópera alemã, traduzindo também ali como profissional.

Dennys Silva-Reis: Então, André, é tudo um ativismo de legendagem mesmo, feito por pessoas ativistas, né? Não é aquele trabalho de legendador profissional contratado por uma empresa. Te pergunto isso porque na história da legendagem era muito difícil encontrar pessoas que vivessem exclusivamente de fazer legendas de forma profissional. E, de algum jeito, que fossem conhecidas, popularizadas... porque, no fim, a gente nunca sabia muito bem quem fazia de fato essas legendas.

André Fischer: Ah, não, mas hoje em dia, sim, né? Hoje em dia, a partir do momento que a gente foi tendo algum dinheiro para fazer legenda, a gente trabalha com a 4 Estações Estúdio há uns 15 anos. Eu fiz legendagem durante alguns anos. Era uma atividade paralela minha. Trabalhei para o Sesc fazendo legenda durante um tempo. Então, particularmente, não sei nem como falar isso, mas eu sou um pouco militante no ensino de língua estrangeira no Brasil. Eu acho que a gente precisava falar pelo menos espanhol decentemente. Porque é uma coisa que te abre para o mundo. A gente acaba ficando muito fechado aqui. Eu acho que é uma coisa que limita a compreensão de mundo, essa coisa da gente viver numa ilha de uma língua que ninguém fala.

Dennys Silva-Reis: Bom, eu ia fazer essa pergunta depois, mas já que você tocou no assunto, queria saber por que a gente percebe que, na comunidade LGBT+, pouquíssimas pessoas falam línguas estrangeiras?

André Fischer: No Brasil todo. Ainda tem mais LGBT+ que falam até mais que outros grupos.

Dennys Silva-Reis: Queria saber sua opinião sobre isso. Você já estava falando que é uma abertura para o mundo.

André Fischer: Nunca vi pesquisa, mas o Data Fischer diz que tem mais LGBT+ que fala inglês do que a média da população brasileira.

Dennys Silva-Reis: Mas a gente percebe nas últimas pesquisas, tanto a população negra quanto a população mais pobre, mesmo na comunidade LGBT+, essa falta de acesso ao ensino de línguas estrangeiras, de poder falar outras línguas.

André Fischer: Não acho que seja a questão LGBT+, não. Acho engraçada essa coisa do presidente da PEC não falar inglês. E eu acho uma vergonha, na verdade. Acho uma falta de preparo. Porque acho que o conhecimento de línguas estrangeiras é algo que te dá acesso ao mundo, para entender o mundo. Então, isso foi sempre muito estimulado na minha casa. Minha irmã também é uma pessoa que fala vários idiomas. Meus pais falam francês, a minha mãe ainda fala inglês. Meu pai fala espanhol porque trabalhou na Venezuela, mas ele não fala inglês, por exemplo, porque, enfim, da geração deles era francês o idioma. E minha mãe não fala espanhol, mas fala inglês porque ela foi aprender. Meu pai foi trabalhar na América Latina e fala espanhol. Mas a gente foi sempre muito estimulado e eu também sempre entendi que é uma maneira de você se comunicar e está aberto ao mundo. E no caso, por exemplo, do Mix Brasil mesmo, até hoje a gente tem o Festival. Há muita dificuldade de dinheiro, de patrocínio, mas até hoje a gente consegue ter uma programação boa, porque eu particularmente tenho uma relação direta com eventos fora do Brasil, com instituições fora do Brasil. Eu entendo que se eu não fosse fluente em inglês, pelo menos, eu não conseguiria ter feito esse trabalho. E por que eu tenho uma relação com a França? Por que a França

tem tanta coisa com a gente hoje? Parte importante da nossa programação é francesa. Por quê? Porque eu tenho uma relação com a França, porque eu falo francês. Fui visitar instituições que estão trabalhando com audiovisual. Quando eu chegava e me apresentava em francês, era invariavelmente assim: "Ai, ufa, que bom!". Sempre. Então, é uma coisa que te dá um acesso: falar um idioma.

Jânderson Albino Coswosk: E a buscar financiamentos, buscar outras coisas também para além da arte *queer*, para divulgar e tudo mais, né?

André Fischer: Exato, exato, exato, exato. Tem uma figura que fala sobre isso bastante, que é a Anita. Ela diz assim: foi lá em Honório, com 14 anos, que ela estava estudando inglês porque entendia que era o passaporte dela para o mundo. Então, não é você não ter. É óbvio que dificulta você não ter recursos para aprender um idioma, mas se você entende que é algo fundamental, que é algo que vai realmente mudar a tua inserção no mundo e tal, você vai atrás e aprende. Nem que seja um espanhol para você poder ter acesso à América Latina. Para mim, essa coisa de "Ai, não é democrático, não sei lá o quê!", nem sempre é o problema.

Jânderson Albino Coswosk: Exato.

André Fischer: Eu acabo tendo que comprar um pouco esse discurso porque, enfim, não vou brigar com todo mundo, mas eu acho que é preguiça, sinceramente, acho que é preguiça, porque acho que as pessoas se viram, se elas entendem que é fundamental.

Dennys Silva-Reis: Mas tem uma política do monolinguismo muito forte também, não é?

André Fischer: Eu acho que aqui tem um orgulho, um orgulho monolinguista – a pessoa que está aqui, o estrangeiro que está aqui, tem que falar, né? Acho que tem essa questão. Acho que o Brasil, mais do que qualquer outro lugar que eu conheço – olha que eu já rodei o mundo! – você vai no Vietnã, as pessoas falam inglês, todo mundo fala um inglesinho básico. Mas, o que eu já vi de gente falando assim "Ah, não, ele está aqui no Brasil, precisa falar português". Eu estava esses dias mesmo com um amigo, ele falou assim: "Ah, eu adorei o Brasil, mas me sentia perdido porque eu ia no metrô, não tinha uma instrução em inglês, não sabia nem para que lado que eu tinha que ir, não sabia como que tinha que comprar isso em São Paulo". Na Avenida Paulista, não ter uma instrução em inglês?

Jânderson Albino Coswosk: Sim, sim, mas é uma coisa muito colonial mesmo, André.

André Fischer: É uma recusa e colonial.

Jânderson Albino Coswosk: É uma coisa que tem uma raiz colonial mesmo esse monolinguismo, porque a gente vive num país, por exemplo, que tem inúmeras nações indígenas, inúmeras línguas indígenas.

André Fischer: Como assim?

Jânderson Albino Coswosk: É um país multilíngue. Você tem, por exemplo, o Parecer do Conselho Nacional de Educação de 2020, sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue. E a gente não vê a aplicabilidade disso porque é uma questão de raiz colonial, mesmo, e que cria um buraco enorme de desigualdade na sociedade, porque o acesso não vem. E eu acho que seu trabalho, em relação a isso, é fundamental. Agora, podemos seguir um pouco para a tradução propriamente dita. O seu trabalho tem sido algo bastante significativo nesse sentido, porque ele, de alguma forma, democratiza isso, né? Democratiza essa vivência erótica, essa vivência LGBT+, por exemplo, de outros espaços que não são nossos. Principalmente do espaço anglófono, aqui no Brasil. Você é um profissional que vive no mundo das mídias, dirigindo, produzindo coisas ligadas ao audiovisual *queer*, mas também tem essa raiz com a tradução, o que é próprio também do movimento LGBT+. A história do movimento LGBT+ no Brasil é toda movida por tradução e intercâmbio de tradução. Eu queria me referir, mais especialmente, à obra *Dicas de Sexo para mulheres por um homem gay (2003)*, que você adaptou, traduziu a partir de 2002; e, num segundo plano, também ao seu livro de crônicas *Como o mundo virou gay? crônicas sobre a nova ordem sexual* (2008) e ao *Manual ampliado de linguagem inclusiva* (2021), que é o mais recente. Ainda que nem todos esses livros sejam traduções no sentido mais estrito, mais lato, é evidente – pela entrevista até agora e pelo que você produziu em termos de texto – que você funciona como uma espécie de tradutor intercultural, de um lexicógrafo. Você fica buscando termos, expressões, formulações que melhor se adequem ou dialoguem com o nosso contexto de vida LGBT+ aqui. Então, como a tradução entrou na sua vida, na sua trajetória? Em que momento ela passou a se articular com outras práticas profissionais que você já desempenhava? Você mencionou a legendagem, que você mesmo enfiou a cara e fez, em algum momento da implantação do Festival aqui no Brasil – como que essa sua experiência com a cultura visual meio que se mescla ou influencia ou influenciou a sua prática tradutória?

André Fischer: Ó, primeiro preciso acrescentar que tem um livro que eu traduzi, traduzi mesmo, que é para crianças chamado *Gus e Waldo – o livro do amor* (2006), de dois pinguins, uma coisa assim. Esse eu traduzi, esse foi traduzido mesmo.

Dennys Silva-Reis: Inclusive, ia perguntar como é que surgiu essa tradução.

André Fischer: Foram dois livros inicialmente que adaptei, foi *Dicas de Sexo* e o seguinte que era um *manualzinho preto*, que era uma coisa que também adaptei. E mesmo depois o *1º Almanaque de banheiro* (2005) – ele não foi adaptado, mas foi uma

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 376-392

ideia que vi numa livraria inglesa e escrevi. Então, ele é todo escrito aqui, mas a ideia é de uma publicação inglesa. A pergunta era sobre tradução, como é que ela se insere.

Jânderson Albino Coswosk: Como que ela entrou basicamente na sua vida, como que seu trabalho com as mídias influencia o seu trabalho ou seu ofício de tradutor?

André Fischer: Ó, eu vou ter que recorrer à minha sobrinha, que foi fazer um mestrado na Inglaterra. E quando voltou, voltou totalmente envolvida com o poliamor. E aí ela criou no Rio um clube do livro chamado *Amor Vivo*, que eles traduziam – não existia literatura no Brasil sobre isso – eles traduziam livros para o português sobre poliamor e de uma necessidade de as pessoas terem acesso a essa literatura. Então eu acho que no meu caso é mais ou menos a mesma coisa, né?

Dennys Silva-Reis: Não sei se se espelhou nela.

André Fischer: Foi uma questão, ou é ela que se espelhou em mim? Acho que tem uma coisa que assim: de você ter que se comunicar. A gente tem um idioma periférico, muita coisa bacana, interessante está produzida em outras línguas, especialmente em inglês. Eu acho que a tradução é uma necessidade de tornar-se. Se a gente está falando de acessibilidade, de inclusão, que são os temas da linguagem inclusiva, eu acho que se relaciona nesse sentido. Então, a tradução é para poder tornar esse conteúdo acessível, no meu caso, do conteúdo LGBT+, que é o conteúdo que eu sempre traduzi. E no caso do Mix Brasil, foi isso. A partir do ano que a gente começou a ter legenda, a gente conseguiu ampliar o público, porque eram as pessoas que no começo iam para ver qualquer coisa, porque não tinham como entender uma palavra; podiam se encontrar, fazer o social; mas depois de 5 anos, 6 anos, não tem mais como. Então a gente começa a traduzir e aí amplia o público. Quando o Festival realmente tem um estouro de público? Quando a gente começa a ter tradução, as pessoas começam a entender as coisas que estão sendo exibidas.

Jânderson Albino Coswosk: Sim, sobre esse livro especificamente, o *Sex Tips for Straight Women from a Gay Man*, você acha que a sua proposta de tradução, como você mesmo mencionou – o fato de estarmos dentro do Cone Sul, falando um idioma mais periférico em termos de publicação e de alcance transnacional –, você acha que essa proposta de tradução sua tinha um caráter mais pedagógico no sentido de tornar acessível, mais palatável a temática do livro em língua portuguesa?

André Fischer: É, eu acho que tinha. Está até na capa: adaptação. Está assim porque tinha situações que eram muito americanas que eu mudei no texto. As piadas todas tinham que mudar, todas as gracinhas, os jogos de palavra, isso tudo tinha que mudar porque não funcionava. Então ele segue toda a estrutura, vai seguindo ali o original, mas o miolo muda. E eu achei que chamar de tradução era, talvez, um desrespeito aos tradutores. Ou então, sei lá, não era isso que eu estava fazendo, porque eu estava

conscientemente mudando algumas coisas. Tirando coisas que eu achava que não fazia sentido, colocando um parágrafo ou outro ali para ajudar a dar um molho, seguindo a estrutura. Então, por isso que eu não usei a palavra tradução. Mas no caso do *Gus e Waldo – o livro do amor* é tradução, porque ele foi traduzido efetivamente, foi traduzido página a página, frase por frase, adaptando umas palavras; adaptando, não: traduzindo. Traduzindo, às vezes, aquela coisa da tradução livre, né? Então, você tem uma frase e a frase com o mesmo sentido, não necessariamente com as mesmas palavras. É uma tradução de *translator*. Então, acho que tem essa diferença de adaptação para tradução nesses meus trabalhos aí.

Dennys Silva-Reis: Mas aí você não acha, então, que você foi autor nesse caso? Já que foram mudanças tão radicais, né, adaptações do *Dicas de Sexo*...

André Fischer: Não sei. *O Dicas de Sexo*, eu acabei tendo um envolvimento maior com ele, porque acabei dando palestra, fazendo curso, virou programa de TV. Eu fiz com a [Adriane] Galisteu dois meses, toda semana, a adaptação de um quadro, de um capítulo do livro. Então, me considero um pouco autor porque esse conteúdo ainda evoluiu, e estava mudando.

Jânderson Albino Coswosk: Sim. Estava em constante transformação.

André Fischer: Acho que ele teve cinco ou seis tiragens, para uma adaptação? E depois ele ainda foi outras coisas, né? Então, acho que o projeto me considera um coautor ali, porque acho que teve muita interferência minha.

Jânderson Albino Coswosk: Teria algum desafio assim mais gritante em relação a essa adaptação que você propôs para o público de língua portuguesa? Porque até mesmo na adaptação que foi feita para teatro, no texto em língua inglesa, o diretor sentiu um pouco de dificuldade de colocar determinadas cenas e tudo mais, determinadas piadas, trocadilhos, para o público assistir ou para o público interagir, porque foi uma coisa bastante de interação, que eu acho que é isso também que você traz na sua adaptação, não é? Teve algum grande desafio nesse sentido?

André Fischer: Sim. No caso desse livro especificamente, acho que sim. Acho que talvez uma intenção de eu dar um molho do meu texto, então misturar um pouco o que eu já estava escrevendo, porque eu comecei a escrever em 92, 93. Já tinha 10 anos que eu estava escrevendo. Querendo ou não, já estava na *Folha* há um tempinho, já escrevia para outros lugares. Então, quis dar um pouquinho da minha linguagem também ali, usando palavras que eu uso mais, mas sem me desviar totalmente do original. E as coisas que eu não concordava exatamente, eu suprimia.

Dennys Silva-Reis: Sério? Você suprimiu algumas coisas que você não concordava?

André Fischer: Se estou adaptando, não estou traduzindo. É diferente. Se estou traduzindo, tenho um compromisso com o texto original. Se estou adaptando, posso simplesmente suprimir um trecho que acho que não faz sentido.

Dennys Silva-Reis: Porque aqui no prefácio que você fez para *O Dicas de Sexo*, você coloca assim: "Eu fiquei surpreso, fiquei mais surpreso ainda. Fiquei ao testar que até mesmo aqueles que se achavam mais espertos não conheciam práticas consideradas básicas por homens que fazem sexo com homens". Ou seja, durante essa tradução também você foi colocando coisas da vida gay aqui, da cultura gay.

André Fischer: Nossa, tinha prefácio, né? Sim, daqui do local. Totalmente. Me permiti por ser uma adaptação, porque esse livro, na verdade, eu propus para editora, eu levei o original para a Alessandra na Jabuticaba e falei: "Ó, queria fazer uma versão desse livro aqui". Aí ela comprou os direitos. Tanto que a capa daqui não tem nada a ver com a capa original.

Dennys Silva-Reis: É verdade, eu adquiri o livro original porque eu fiquei muito interessado na tradução que você tinha feito. Bom, agora que a gente está na chamada "era do *streaming*", e houve essa evolução do Festival que você está à frente, queria que você falasse um pouquinho sobre os eventos que envolvem a tradução e esse Festival. Teve algum que te chamou muita atenção? Lembro que você mencionou agora pouco a questão da Libras, dessa inclusão, mesmo. E eu imagino que seja também de tradução, de interpretação em Libras, mas houve outros momentos que você se recorde? Poderia comentar conosco algum episódio difícil, talvez uma palavra ou então uma recepção que não foi muito boa, uma crítica que aconteceu e não foi legal ou então que foi muito positivo, que reverberou.

André Fischer: Acho que tem uma coisa, assim... a tradução até hoje – e é engraçado ver que não é só com a gente –, mas até hoje é ponto de problema em Festival, né? Hoje a única maneira de não dar problema é você realmente encodar a tradução na cópia DCP e exibir ela, porque se deixa para soltar ali na sala, na mão... dá problema. Ano passado, mesmo, na mostra internacional, tiveram que parar o filme para botar de novo a legenda, porque a tradução não tinha nada a ver com o filme. A gente teve uma experiência, dois anos atrás, de uma sessão totalmente acessível. Então, ela tinha audiodescrição e Libras na tela. Acho que é isso. É uma questão hoje. Acho que tem uma normativa do Ministério da Cultura que os festivais precisam ter Libras em todas as sessões. Em primeiro lugar, economicamente é inviável. E a questão não é só essa, porque para quem está assistindo é um horror, é uma interferência na imagem. E os aplicativos não funcionam, então não tem muito como ser diferente: você precisa ter sessões específicas com acessibilidade. E acho que tem toda aquela discussão: nem toda a comunidade surda é fluente em Libras. Então, não entendo por que não tornar, talvez, obrigatória, a legenda em português nos filmes, que seria uma coisa mais tranquila. Porque a gente está acostumado a ver filme com legenda – botar uma

legenda em português não atrapalharia tanto. Acho que a comunidade surda, na verdade, deveria ser bilíngue.

Jânderson Albino Coswosk: Mas André, só um adendo em relação à comunidade surda, sobre a língua portuguesa. Muitas vezes, a maior parte da população surda não tem nem domínio da língua de sinais, tampouco da língua portuguesa. Então, se a legenda for feita em língua portuguesa, você também não consegue incluí-los de maneira mais totalizante.

André Fischer: Sim. É, mas é uma questão no momento que os festivais estão com muita dificuldade financeira para existir. A tradução em Libras tem um custo... que, numa sessão, se você tem legenda eletrônica e mais Libras, não tem dinheiro que chegue. Porque não tem ingresso que chegue, não tem Lei Rouanet que chegue para pagar esses custos.

Jânderson Albino Coswosk: É, é uma dificuldade para vocês também.

André Fischer: E aí tem uma discussão dentro do Fórum de Festivais que eu participei esses dias, que era sobre uso de inteligência artificial para legendas. Desculpe, vou dar uma opinião muito pessoal. Foi controverso lá, mas enfim... na discussão, teve uma pessoa de um festival que falou assim: "Ai, eu não vou deixar de usar pessoas para trabalhar, para fazer legenda, porque a gente tem que privilegiar as pessoas". Eu falei: "Querida, se eu não tiver dinheiro, eu preciso privilegiar a acessibilidade das pessoas aos filmes". Então, se tiver que fazer com inteligência artificial, a gente vai fazer com inteligência artificial para poupar. Porque se a escolha vai ser ter menos filmes e menos sessões, vai ter que cortar para poder fazer a legenda com legendagem humana. E uma legenda é mais barata com inteligência artificial. Acho que é uma escolha difícil, mas acho que você tem que privilegiar o público. Tenho muitos amigos que são tradutores e tradutoras. Tem muitas pessoas que trabalham com isso e que estão todas nesse momento também pensando no próximo momento da carreira. Como é que vai fazer? Porque vai ter uma mudança aí. Está todo mundo trabalhando bastante, mas a gente sabe que tem uma questão tecnológica aí que virá.

Jânderson Albino Coswosk: E já que você tocou nesse assunto, queria fazer um último questionamento que acho bastante pertinente para o nosso diálogo e para a sua trajetória também enquanto profissional das mídias e tradutor ativista, há tanto tempo na causa LGBT+. A gente percebe hoje em dia que há uma midiatização muito grande da vida LGBT+, principalmente a partir do *streaming*. Como o Dennys comentou, a partir dessa televisização da vida LGBT+, tem-se também uma presença massiva hoje, que nunca se viu antes, de pessoas trans, por exemplo, ocupando cargos públicos, em todas as esferas, seja municipal, estadual, federal. Esse consumo mercadológico de arte *queer*, dentro de um guarda-chuva maior, se a gente pode falar de arte *queer* no Brasil hoje. E isso inclui também a textualidade de temática *queer* traduzida. A gente

pode ver, por exemplo, *Heartstopper*, que é esse fenômeno entre os adolescentes hoje, sejam eles declaradamente LGBT+ ou não. Tanto em tradução quanto em adaptação para TV. Considerando esse tempo todo de atuação no Festival Mix Brasil, você consegue perceber que mesmo essa demanda, mesmo esse consumo – que às vezes até fetichizado, objetificado – da arte *queer*, isso traz uma rentabilidade, tem mercado. Porque quando não são os corpos de pessoas LGBT+, são as subjetividades de pessoas LGBT+ que estão inseridas nessas artes. Mas ainda assim, elas são completamente atravessadas pela subalternidade, deixadas às margens, mesmo. E são vítimas de violência, nem que seja simbólica, epistêmica – para não falar da violência física que a gente sofre todos os dias nas ruas, enfim, em sociedade. Descobriu-se que existe demanda para a arte de temática *queer*, que tem demanda para a literatura escrita por pessoas negras, para a literatura escrita por pessoas indígenas. Então, por que você acha que essa arte traduzida, ou não, continua ainda na subalternidade? Mesmo tendo mercado, mesmo trazendo rentabilidade, mesmo sendo *commodity* hoje?

André Fischer: Olha, acho que tem uma questão que está cada vez mais clara. A gente está vivendo um momento, especialmente de janeiro para cá, onde tudo está muito na cara. A gente não tem mais nada que não seja dito, está tudo sendo muito esfregado na cara da gente. Estamos vivendo um momento em que existe um plano muito explícito, por exemplo, nos Estados Unidos, de tirar acesso de pessoas negras à universidade, de expulsar os estrangeiros do país. Enfim, acho que, na verdade, todos esses grupos minorizados – e aí vamos falar aqui especialmente de pessoas LGBT+, mas acho que isso vale para pessoas negras, para imigrantes etc. – estão em ascensão. E a ascensão dessas pessoas a espaços de poder, em primeiro lugar, trazem – não sempre, mas geralmente – visões diferentes de mundo, possibilidades diferentes de organização social, e imediatamente o acesso dessas pessoas a lugares que eram antes exclusivos de homens, cis, héteros, brancos. Eu tenho tido uma experiência nos últimos anos com essa questão de comunicação inclusiva, de acabar trabalhando muito proximamente aos departamentos de diversidade e inclusão das empresas. E isso sempre esbarra quando você vai implementar essas políticas ali, seguindo as recomendações. Sempre se esbarra na fala: "Bom, agora para a Diretoria, os próximos cinco Diretores vão ter que ser ou pessoas negras ou mulheres, coisa e tal". Você não vai precisar demitir ninguém, só vai ter que não colocar o seu amigo que está lá na outra empresa para vir para cá para fazer essa dança de cadeiras, porque significa que o receio é sempre esse. "Bom, se aqui não vai entrar mais, na outra empresa também não vai entrar. Para onde eu vou?" Então, acho que tem uma questão nossa de colocar grupos minorizados em acessão. A nossa ascensão à cena pública significa uma ameaça a essas pessoas. Quando há essa visibilidade, ela acaba tendo que ser, de alguma forma, boicotada por essas pessoas, para não dar espaço, mesmo. A gente começa a ter muito acesso. Eu estava agora, na Polônia, e foi muito forte. Eu tive minha bisavó no campo de concentração, enfim... tem essas coisas todas. Fui a Auschwitz e tal, mas não há só aquelas coisas que você aprende. Teve uma coisa que os alemães faziam quando invadiram a Polônia... eles acabaram com o ensino secundário, além do ensino fundamental. Os poloneses,

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 376-392

independente de serem judeus ou não – porque eles eram considerados uns brancos inferiores –, eles só estudavam até a alfabetização durante os anos da invasão da Alemanha. Não tinha mais o ensino além disso. Então, acho que é isso. Se pudessem, faziam isso. "Olha, pessoa LGBT+, você pode cantar, pode ser o que quer, mas você não pode acessar espaços de poder. Você não pode lançar livro, você não pode dirigir filme, você pode até ser personagem".

Jânderson Albino Coswosk: Ser um entretenimento, né?

André Fischer: Isso aí já é demais. Uma coisa é você cantar ali, mas sendo dirigida por uma banda, sei lá. Aquela coisa com um certo controle. Mas acho que a partir do momento que a gente vai ocupando mais espaços, isso vai incomodando e vai sendo tesourado. E agora, o que a gente está vendo nos Estados Unidos é a coisa mais explícita. Não tem mais subterfúgio, tudo muito na cara, esfregado na cara. Acho que é bem isso. Nossa presença ameaça o *status quo*. Chega uma hora que não importa o mercado. O que importa é a mudança que isso pode provocar na sociedade. Você pode ganhar ali uns tostões vendendo para a comunidade, que sempre vai ser uma renda marginal. O que você vai vender para a comunidade LGBT+, para a população negra – que ainda tem menos acesso –, sempre vai ser isso... uma renda marginal. A ameaça é isso subverter. Ontem, dentro da Parada LGBT+, teve essa discussão se publica coisa do [Papa] Francisco ou não publica. E aí fala: "Não, a Igreja Católica é aquilo. Não, a Igreja Católica é não sei quê". Eu falei: "Ah, então está bem, eu vou publicar no meu pessoal". Acho que a gente tem que entender quando a gente tem um aliado. Ele pode não ser perfeito, mas um aliado a gente não joga fora porque deu uma derrapada aqui.

Jânderson Albino Coswosk: Exato.

André Fischer: Eu acho que essa questão que eu estava contando para vocês no começo, por exemplo, da comunidade trans: de eu ser acusado de ser transfóbico, porque o GLS não incluiu o T, lá atrás, nos anos 90. Peraí, calma, calma, calma, calma. Foi nos anos 90. Isso não quer dizer que naquele momento não estava pensando nisso. Eu faço um evento hoje que a gente tem um terço da programação sobre pessoas trans. Então tem que entender isso. E hoje, dentro da comunidade, algumas pessoas querem tratar homens gays brancos, principalmente, como aliados. Falei: "Não, gente boa, não sou aliado, não. Eu, para chegar aqui, ralei muito, passei por muito preconceito, tive que fazer muita coisa. Desenvolver minhas couraças e tal para poder estar aqui. Não, não sou aliado, não. Sou LGBT+, pelo amor de Deus! Não queira tirar minhas vivências, enfim".

Dennys Silva-Reis: Bom, André, muito obrigado pela entrevista, muito obrigado por essa conversa. Foi um prazer mesmo conhecer mais da sua trajetória, falar um pouquinho sobre tradução, que era o nosso objetivo.

Jânderson Albino Coswosk: Muito obrigado, André.

André Fischer: Eu que agradeço.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 376-392